

ENSAIO

TEMA: A GUERRA ASSIMÉTRICA

**A GUERRA ASSIMÉTRICA À LUZ DO PENSAMENTO
ESTRATÉGICO CLÁSSICO**

CF(EQU) BRÚMMEL VAZQUEZ BERMÚDEZ

INTRODUÇÃO

A guerra, portanto, não é apenas um verdadeiro camaleão, que modifica um pouco a sua natureza em cada caso concreto, mas é também, como fenômeno de conjunto e relativamente às tendências que nela predominam, uma fascinante trindade em que se encontra, primeiro que tudo, a violência original de seu elemento, o ódio e a animosidade [...] (7:89).

Agora um exército pode ser comparado com a água; da mesma maneira como uma corrente de água evita as alturas e se precipita sobre as terras baixas, assim um exército evita fatores de força e golpeia nas fraquezas. (23:101)

No pensamento de Clausewitz, a guerra não é arte nem ciência, é um fenômeno que pertence ao campo da existência social, e que, dependendo das condições, pode tomar formas radicalmente diferentes, modificando a sua natureza em cada caso concreto, em analogia ao atributo do camaleão. De forma mais poética, Sun Tzu, por sua vez, faz uma parábola do emprego apropriado das forças de combate com a flexibilidade da água, batendo contra as fraquezas do inimigo e evitando os seus pontos fortes. Estas citações, que definem um marco conceitual, são os pontos de partida na tentativa de focar a guerra assimétrica, desde a perspectiva dos clássicos do pensamento estratégico militar, por meio da análise de um caso, no intuito de vislumbrar uma integração da psicologia oriental com a mecânica ocidental do ponto de vista árabe.

Por que a escolha só de Clausewitz e de Sun Tzu? Por antonomásia, o pensamento estratégico clássico se refere, em termos gerais, ao confronto de inimigos simétricos, porém esta consideração não exclui uma abordagem do conflito assimétrico, o que valida a escolha.

No entanto, autores, como Jomini, pretendem simplificar o fenômeno bélico a uma série de princípios ou regras “cuja aplicação conduz à vitória na guerra” (19:87), tendo sido, por este motivo, desconsiderado para o propósito da investigação¹.

A guerra assimétrica domina na atualidade tanto a atenção militar quanto a pública, devido a sua espetacular irrupção no dia-a-dia mundial e a sua “redescoberta”, dado que ela não é um conceito novo. Redescoberta que ocorre porque as guerras que confrontam atores estatais e não estatais em torno de motivações seculares são enxergadas com dramatismo², quando elas atingem

¹ Proença et. al. demonstram que a perspectiva jominiana toma leitura da guerrilha, um tipo de guerra assimétrica, tentando adaptar os resultados históricos à sua teoria, e não o contrário, no intuito de assegurar a previsão do resultado. (19:88-90).

² Na sua mensagem à nação no 11 de setembro de 2001, o presidente G. W. Bush disse: “Hoje, prezados cidadãos, a nossa maneira de viver, e a nossa liberdade foram atacadas em uma série de atos terroristas deliberados e mortais”.

o solo e os símbolos do poderio do maior império, aliás, desde os tempos de Roma - os Estados Unidos da América (EUA).

Com o fim da guerra fria, fato considerado ingenuamente como a ante-sala de uma nova ordem mundial, chegando-se inclusive a preconizar o “fim da História”³, esperava-se uma Terra mais estável e pacífica, considerando-se que “um mundo feito de democracias liberais teria então menor incentivo para as guerras” (11:21). Porém, aconteceram muitos conflitos que têm afetado a paz no mundo nos últimos anos, contrariando Fukuyama e sua visão idealista. No intuito de encontrar uma resposta de corte geopolítico, Vesentini (25:64) assegura que existiriam dois importantes desafios ou “contradições” da democracia liberal para se constituir no instrumento da convivência pacífica no mundo: o fundamentalismo religioso⁴ e o nacionalismo e outras formas de consciência étnica. Esta primeira contradição explicaria esses ataques civilizacionais (huntingtonianos) sofridos pelos EUA, nessa data que ingressou no calendário histórico da humanidade para marcar o início de uma nova era.

Sob os lineamentos desta introdução, o foco da investigação estará centrado, então, na definição da guerra assimétrica, na análise da campanha fundamentalista da rede *Al Qaeda*, e nas repercussões para as forças armadas de nossos países.

O CONCEITO

Embora os termos conflito, estratégia, riscos e mesmo guerra, qualificados pelo adjetivo “assimétrico” sejam utilizados amplamente e de forma generalizada, para tentar descrever, desde ataques de *hackers* até mesmo emprego de meios militares e não-militares com meios convencionais, a definição de guerra assimétrica permanece ainda confusa.

Lessa *et. al.*, depois de advertirem que sua discussão no Brasil “tem ficado restrita aos círculos que tratam os problemas militares”, definem-na como “uma guerra sem território e que abrange todo o planeta, com repercussões dos pontos de vista bélico, econômico, político e psicológico” (14:84), assim, caracterizando-a como resultado dos ataques terroristas do 11 de setembro e limitando-a nesse contexto. Estabelecem que a assimetria dar-se-ia em três eixos: assimetria de atores, de objetivos e de meios, e que, como a nova guerra não faz reivindicações territoriais, as respostas tradicionais

³ Francis Fukuyama entronizou a democracia liberal ocidental como a panacéia da nova realidade das relações entre as nações, o ponto final na evolução ideológica da humanidade e a universalização dela como a forma final do governo humano (25:63), retomando o conceito previamente tratado por Hegel e Marx.

⁴ Alexander del Valle indica: “[...] é útil lembrar que Maomé participou pessoalmente de mais de 80 combates e que se contam não menos do que cem versículos corânicos que incitam à guerra!” (9:46). “Estamos lidando com uma religião intrinsecamente conquistadora e guerreira que rejeita toda forma de soberania não islâmica” (9:47)

seriam inoperantes. Inclusive definem a existência de quatro tipos de guerra: a convencional, a de destruição em massa, a guerra irregular e a assimétrica; é uma tentativa compacta para categorizar todos os conflitos, mas na verdade, é uma abordagem incompleta. Por outro lado, alguns autores norte-americanos e europeus falam da guerra assimétrica como uma guerra de quarta geração⁵.

Autores chineses⁶ ainda consideram que os meios para fazer a guerra transcendem as atividades militares, e que o objeto da mesma já não seria mais “o uso da força militar para compelir o inimigo a fazer nossa vontade”, senão, “o uso de qualquer método, incluindo meios militares e não militares, meios letais e não letais para compelir o inimigo a satisfazer os próprios interesses” (10). Algumas definições adicionais se encontram no Anexo “A”.

Na Doutrina Básica da Marinha do Brasil (DBM), encontramos esta definição:

A guerra assimétrica é empregada, genericamente, por aquele que se encontra muito inferiorizado em meios de combate, em relação aos de seu oponente. A assimetria se refere ao desbalanceamento extremo de forças. Para o mais forte, a guerra assimétrica é traduzida como forma ilegítima de violência, especialmente quando voltada a danos civis. Para o mais fraco, é uma forma de combate [...] (1:2-2).

Em termos gerais esta é a percepção comum, especialmente a idéia do desbalanceamento extremo das forças entre os combatentes. No entanto, este entendimento não tem forte sustento, pois nem sempre foi o recurso do mais fraco. Se considerarmos a assimetria simplesmente como a diferença de forças, poderíamos argumentar que quase todas as guerras na história passada têm sido assimétricas. É provável que o estereótipo do bíblico combate assimétrico entre David e Golias seja o responsável pela dita percepção, porém, a assimetria não estava sustentada na diferença de forças, mas sim, na maneira não ortodoxa de emprego da funda contra a espada e a armadura, o que permitiu ao israelense atingir diretamente o centro de gravidade de Golias através da única vulnerabilidade crítica: sua cabeça não protegida.

Inclusive, a assimetria pode ser utilizada pelo mais forte e nem sempre “como forma ilegítima de violência”, qual seria o caso do emprego de forças especiais alicerçadas com tecnologia de ponta, e mesmo a Revolução nos Assuntos Militares (RAM) seria uma assimetria tecnológica (26). O general norte-americano Meigs assinala:

⁵ Os norte-americanos William Lind, Crnl. K. Nighthdale, Cap. J. Schmitt, Crnl. J. Sutton e o Tte. Crnl. J. Smith apresentaram o artigo “The Changing Face of War: Into the Fourth Generation” em 1989, no qual assinalaram o aparecimento desta guerra, que usa técnicas “alheias” à tradição ocidental, técnicas assimétricas, onde pode desaparecer a distinção entre civis e militares como atores das próximas guerras.

⁶ Os Coronéis chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui apresentaram em 1999 seu livro “Unrestricted Warfare.

O melhor exemplo recente da assimetria operacional envolve a campanha americana no Afeganistão. [...] iniciaram com superioridade tecnológica [...] Com base no adestramento, na iniciativa e na atuação em campanha, tiveram a capacidade de criar novas técnicas táticas, integrando uma operação aérea e forças especiais com uma formação de forças locais, a Aliança do Norte. Esta combinação [...] criou uma vantagem operacional singular. (15: 4).

Em termos operacionais, então, a assimetria entendida como desbalanceamento “deriva-se de uma força, empregando novas capacidades que o oponente não percebe, nem compreende” nem espera: “capacidades convencionais que sobrepõem as do adversário ou que representam novos métodos de ataque e defesa” (22:4), no intuito de explorar as fraquezas contrárias, impedindo simultaneamente que o inimigo possa empregar seus fatores de força. Qual seria, então, a diferença em relação à guerra de manobra? A diferença fica na novidade de emprego de meios ou procedimentos ou na combinação inesperada deles.

A CAMPANHA ISLÂMICA E O PENSAMENTO ESTRATÉGICO CLÁSSICO

“Por sua própria natureza, o terrorismo é assimétrico”- é a constatação de Shaughnessy e Cowan, complementando que “seu fundamento é atacar a força de vontade do povo, a credibilidade do governo e a eficiência de sua segurança nacional” (21:73). A modalidade de guerra assimétrica que maior evolução e crescimento tem tido nos últimos tempos é o terrorismo, tanto pelos espetaculares desenvolvimentos quanto pela difusão mundial, facilitada pela tecnologia da comunicação da mídia internacional. Por este motivo, os ataques perpetrados pela rede terrorista Al Qaeda, considerados como uma verdadeira campanha, serão considerados como caso de estudo da guerra assimétrica, com a conseqüente análise da dialética de vontades, sob o enfoque do pensamento estratégico clássico.

Parece que Bin Laden tem percebido claramente alguns conceitos, tanto de Clausewitz como de Sun Tzu e de outros pensadores militares, na condução de sua estratégia contra o Ocidente, mesmo que não seja possível afirmar que ele os tenha lido⁷. No entanto, sua linha de ação na campanha tem divergências e, às vezes, até mesmo está em franca oposição.

⁷ No seu ensaio “On Words: Clausewitz, Bin Laden, and Public Support”, Ellen K. Haddock argumenta “Osama Bin Laden deve ter lido Clausewitz” (12:1).

Por que campanha? Não é somente o ataque do 11 de setembro, mas também uma série de acontecimentos desde alguns anos atrás, agindo cada vez de modo distinto, numa verdadeira assimetria operacional: os ataques simultâneos às embaixadas norte-americanas em Quênia e Tanzânia, em 1998; o ataque contra o navio USS Cole, em 2000; os ataques coordenados, em 11 de setembro de 2001; o atentado no metrô de Madri, no dia 11 de março de 2004; os seqüestros no Iraque, para se exigir a saída de tropas e empresas civis do Ocidente, neste ano; e outros ataques mal sucedidos. Sun Tzu parece explicar melhor a metodologia: “Por conseguinte, quando obtenho a vitória, eu não repito minhas táticas, mas respondendo às circunstâncias mediante maneiras de variedade infinita” (23:100).

OS ATORES SOB O ENFOQUE DA TRINDADE FASCINANTE

A trindade fascinante é a entidade que relaciona três forças morais a três atores: a paixão (violência original, o ódio e a animosidade), pertencente ao povo; o valor (jogo de probabilidades e do acaso em oposição à fricção), ao comandante e seu exército; e a razão pura (a natureza subordinada da guerra à política) que interessa ao governo (4). Analisaremos dois atores, a partir deste enfoque.

O criador e líder da rede *Al Qaeda*, Osama Bin Laden, desenvolveu uma estratégia operacional para os ataques contra os Estados Unidos (24:1). Sob a égide de uma ideologia pan-islâmica, utilizou princípios de arte operacional para atacar indiretamente o centro de gravidade norte-americano, para atingir objetivos políticos claramente articulados nas suas fatuas (editos), promulgadas em 1996 e 1998, e em inúmeras entrevistas desde 1993; segundo Hartung Sabugo, estes objetivos seriam (13:266-268):

- a) Remover as forças norte-americanas da península arábica e eliminar totalmente sua presença no Oriente Médio⁸;
- b) Estender o apoio a grupos muçulmanos ao redor do mundo que estão combatendo contra regimes opressores e sistemas não islâmicos;
- c) Liberar a mesquita de Al Aqsa de Jerusalém e recuperar o povo palestino à comunidade islâmica, (*Umma*);
- d) Salvar os países árabes da ameaça de desintegração pelas mãos da conspiração da “cruzada sionista”; e
- e) Derrocar os *taghut* (governantes opressores) das sociedades muçulmanas e estabelecer estados islâmicos.

Clausewitz, nas suas elucubrações permanentes da primazia da política sobre a guerra, menciona: “[...] a política é o regaço onde a guerra se desenvolve, [...] dentro da qual ficam escondidas suas formas gerais num

⁸ Carlos Lessa et. al. argumentam que os pontos a), b) e c) seriam “inegociáveis” para a maioria das lideranças muçulmanas. (14:59).

estado rudimentar, igual às qualidades das criaturas viventes em seus embriões” (3:157). Serão, então, essas diretrizes políticas o regaço que dera sustento aos embriões da ira muçulmana contra o Ocidente?

Com a saída dos ocidentais do Oriente Médio, Bin Laden pretende impedir a influência da cultura daqueles sobre o mundo islâmico, a quem considera sendo sujeito de assalto pela modernidade ocidental, liderada pelo “Grande Satã”, os EUA, e apoiada por monarquias e governos árabes corruptos. A constatação destes argumentos levar-nos-ia a validar a tese do choque de civilizações de Huntington.

Quando os EUA consideravam o *Network Centric Warfare*⁹ como o novo paradigma de sua estratégia militar, foram surpreendidos por uma ameaça assimétrica, em 2001¹⁰. Este acontecimento mudaria radicalmente o modo de vida norte-americano e, de fato, influenciaria na evolução de seu pensamento estratégico; nas palavras do general norte-americano Meigs (15:2): “[...] nos forçaram a reavaliar a ameaça do terrorismo com relação à nossa arte operacional”, reavaliação que obviamente teria que ser executada à luz de novos objetivos políticos; segundo o mesmo Hartung Sabugo, estes últimos seriam (13:263-265):

- a) Prevenir futuros ataques terroristas sobre objetivos nos EUA;
- b) Eliminar a rede terrorista *Al Qaeda*;
- c) Eliminar o terrorismo de alcance mundial;
- d) Terminar com o apoio de Estados às organizações terroristas de alcance mundial; e
- e) Assegurar a ordem e a estabilidade regional.

Devido à natureza destes objetivos, a guerra tem a característica de objetivo limitado para os EUA, mas é ilimitado para o outro lado, pois está em jogo a sua sobrevivência. O confronto devido à dissimilaridade dos objetivos o tornava inevitável. No entanto, depois de ter recebido o golpe, os EUA se confrontaram com a impotência de não poder desferir o contragolpe, dada a natureza incorpórea e não estatal do inimigo. Mas a oportunidade de atuar veio devido aos inegáveis nexos do regime Talibã, com Bin Laden.

Osama Bin Laden havia encarnado o líder, a figura de que se precisava para unir o Islã; é um “profeta sem Estado, [...] é o mais fiel e brilhante representante dos herdeiros do legado do Aiatolá iraniano Khomeini [...] Explora sem par o discurso da guerra santa dos fiéis contra os infiéis e utiliza com eficácia o poder assimétrico do martírio [...]” (27). No entanto, precisava

⁹ Conceito de emprego das forças armadas, que gera um poderoso ritmo operacional durante a campanha, influenciando o ciclo de decisão do adversário (ciclo OODA de Coronel USAF John Boyd: Observação, Orientação, Decisão, Ação), considerando implicitamente que este é simétrico, como foi o caso das Forças Armadas do Iraque durante as duas Guerras do Golfo, onde o ritmo americano bateu o inimigo de maneira incontestável.

¹⁰ Os ataques coordenados contra as Torres Gêmeas e o Pentágono tiveram um efeito mais traumático para o povo americano do que Pearl Harbour, devido a que, em 1941, pelo menos existia um estado de guerra e as relações com o Japão já eram tensas.

de uma base física, de um país para ancorar seu “novo califado” e desenvolver sua crescente área de influência no mundo islâmico: o Afeganistão. A escolha não foi por acaso; este país fica no coração do “arco das crises” e é considerado como pólo de desenvolvimento e expansão do islamismo.

A campanha militar iniciada pelos EUA contra o Afeganistão, logo após os ataques, obteve respaldo internacional, como resultado da justeza das ações de vingança legítima. Porém, a 2ª Guerra do Golfo contra o Iraque, em 2003, tem dividido a opinião pública mundial.

Houve ainda uma fratura entre seus aliados tradicionais da Europa, dado que a guerra se baseou no novo conceito da guerra antecipada (*preemptive*), decorrente da nova Estratégia de Segurança Nacional, apresentada pelo presidente George W. Bush, em setembro de 2002, não prevista explicitamente, porém, na Carta da Organização das Nações Unidas (ONU).

A tônica dos atuais momentos é de maior oposição e incredulidade a nível internacional, devido à confirmação da inexistência de armas de destruição em massa, deslegitimando, assim, o direito esgrimido para travar esta guerra pela aliança liderada por EUA, o Reino Unido e a Espanha¹¹. Embora o direito internacional não proíba o direito à legítima defesa preventiva, o precedente assentado pela aliança para a “ação hostil preventiva” (17:254) tem enfraquecido significativamente o papel da ONU como instrumento supra-nacional para garantir a paz e a segurança entre as nações, o que terá nefastas conseqüências para a convivência internacional harmônica no futuro.

CENTROS DE GRAVIDADE

“A guerra não é meramente um ato político, senão [...] uma continuação das relações políticas, a condução da mesma *com* outros meios. **O que fica ainda como peculiar da guerra, refere-se somente à natureza peculiar dos meios que emprega**”¹² (3:58). Que Bin Laden pretendesse obter seus objetivos políticos por meio de ações violentas, era esperado. Porém, o que tem causado surpresa geral, essencialmente, é essa natureza peculiar dos meios e métodos assimétricos utilizados no ataque. O emprego de meios do próprio oponente para utilizá-los contra si mesmo, o conceito oriental do judô, e essa habilidade de usá-los de uma maneira nunca imaginada e imprevista foram ponderados com natural preocupação; não há que se esquecer do assinalado por Sun Tzu: “Para se ter certeza de tomar o que se ataca, deve-se atacar um lugar que o inimigo não protege” (23:96).

¹¹ A ambigüidade da expressão “graves conseqüências” da resolução 1441 da ONU de novembro de 2002, seria empregado pela coalizão para justificar a guerra contra o Iraque em 2003.

¹² Grifos nossos. A negrita em **com** ressalta o erro tradicional da tradução “por outros meios” ao invés do correto “com outros meios”, o que permite entender melhor o caráter da guerra como instrumento da política.

Quando Clausewitz fala de fins e meios na guerra, no capítulo II do seu livro 1, indica que, no intuito de “desarmar um Estado”, deve-se ter em consideração três categorias gerais que envolvem tudo: as forças militares, o território e a vontade do inimigo. Estes três elementos seriam os objetivos clássicos a enfrentar: destruindo seu exército, para que não possa continuar a luta; conquistando seu território, para que não se estruture um novo exército; e compelindo, pela força, a cumprir com a sua vontade, porque o objetivo supremo é a sua capitulação moral. Mesmo que conquistados os dois primeiros, não poderia se considerar a guerra terminada, enquanto a vontade de luta do inimigo não estivesse batida; isto demonstra a razão pela qual ela se constitui no centro de gravidade do nível político.

Dada a necessidade de ter uma força militar que tenha alguma expectativa razoável de êxito num confronto simétrico ou tradicional, a opção da guerra clássica seria inviável para um inimigo mais fraco. Tendo obtido a potência hegemônica militar uma vitória contundente nas duas Guerras do Golfo Pérsico¹³, os adversários potenciais aprenderam que “não é possível combater as nossas forças de forma convencional” (22:3). Por esta razão, o esforço da nova orientação assimétrico-terrorista estava e está encaminhada a atacar, por todos os meios, somente o terceiro destes componentes, a vontade do povo norte-americano. Mas por meio de uma abordagem diferente: tentar “compelir o inimigo a fazer a sua vontade”, porém, sem precisar “desarmar” os Estados Unidos¹⁴, porque a destruição física só é uma maneira para conseguir a dita capitulação moral.

Esta tentativa, no entanto, tem sido reconhecida pelos norte-americanos. O Secretário de Segurança Nacional dos EUA assegurou que os terroristas agem pela “crença errônea” de que um atentado afetará a determinação da política do seu país. Como já foi dito, se por um lado Clausewitz considera como objetivos naturais as forças armadas do inimigo e que a essência da guerra está no engajamento, tal enfoque assimétrico pretende que esse conflito foi desencadeado sem que o objetivo seja a obtenção do poder, a derrubada dos EUA, “ficando a sua finalidade limitada à confrontação e ao desgaste, pelo desafio e opróbrio” (20:49-50).

Em resumo, discorda-se da estratégia para atingir o objetivo supremo, mas este é o mesmo que o prescrito pelo general prussiano, isto é, a capitulação da vontade de lutar do povo. O Vietcong já conseguiu quebrar essa vontade de lutar, porém, utilizando uma estratégia de guerra de guerrilhas, outro tipo de guerra assimétrica, combinada com guerra convencional. Será que Bin Laden pretende vencer sem lutar no melhor estilo

¹³ As duas Guerras do Golfo talvez sejam a classe de conflito que representa a exceção e não a regra nos anos por vir. Iraque, tendo em teoria em 1991 a quarta força armada do mundo, quis enfrentar simetricamente, de igual a igual aos EUA, de modo similar como aconteceu em 2003, com os resultados que já conhecemos. (18:46).

¹⁴ Shaughnessy e Cowan consideram que “(As) operações assimétricas são conduzidas dentro da estrutura de uma campanha e atacam a vontade do povo estadunidense, considerada o centro de gravidade do país, ao invés da periferia do mesmo” (21:74).

de Sun Tzu? Isto é, sem precisar combater as Forças Armadas inimigas? Embora o general chinês tenha dito a “A pior política é atacar cidades” (23:78), todas as suas estratégias deveriam tentar ser orientadas pela sua máxima: “A vitória sobre o inimigo sem lutar é a maior das habilidades” (23:77).

Quando o Almirante Isoroku Yamamoto decidiu o ataque japonês contra Pearl Harbour, em 1941, considerava que, perante a inexistência de uma frota naval, os EUA não poderiam constituir de imediato um braço armado para devolver o golpe, e julgou erradamente que a vontade de luta do povo americano estaria esmagada, optando pela negociação e permitindo-lhes controlar a Área de Coprosperidade Asiática sob sua liderança, logrando de fato o seu objetivo estratégico. Longe desta resposta, o espírito combativo do povo norte-americano foi acordado de maneira singular. Ao invés de continuar com sua política de isolamento perante os problemas do mundo e esmorecer pelo desafio japonês, um vulcão entrou em erupção, a “fulgurante espada da vingança” de Clausewitz, que foi acalmada só após a rendição incondicional do império do Sol Nascente. Será que Bin Laden esqueceu a história, e que tem subestimado a capacidade de reagir dos norte-americanos?

Nesta analogia, os EUA tardaram algum tempo para que sua impetuosa indústria militar regenerasse o braço armado, mas tinham perfeitamente definido um inimigo estatal a quem podiam abater; no entanto, agora dispõem do mais formidável braço militar armado na história da humanidade, mas inútil perante um inimigo incorpóreo, invisível, não-estatal. Qual será agora a impetuosa variante da indústria norte-americana que regenerará o dito braço numa configuração tal que permita “abater decididamente” os muçulmanos?

Os ataques do 11 de setembro descobriram a vulnerabilidade dos EUA. Depois do fracasso do ataque às Torres Gêmeas, em 1993, Osama Bin Laden planejou golpear no coração do império, entendendo que um ataque bem-sucedido deveria ser conduzido contra os centros de gravidade clausewitzianos, isto é, os sistemas que sustentam o seu domínio e, portanto, devia desferir um ataque coordenado e simultâneo contra esses centros nevrálgicos de poder. Ditos emblemas e suas representações eram:

- O World Trade Center, por meio das Torres Gêmeas, representação do poder econômico e comercial, símbolo da cúspide do capitalismo ocidental e orgulho do modo de viver norte-americano;
- O Pentágono, representação do centro de controle do poder militar; e
- A Casa Branca ou o Capitólio¹⁵, representação do poder político.

Assim, planejou-se atacar os complexos político, econômico e militar que formam os pilares da política exterior do país e que, além disso, representam a essência da civilização cristão-ocidental. Mais do que centros de gravidade do nível político-estratégico, eles representam os baluartes da

¹⁵ Presume-se que o alvo designado para o avião encontrado na Pennsylvania era a Casa Branca ou o Pentágono, sem que seja de conhecimento público se foi derrubado por aeronaves de combate ou pela ação dos passageiros.

cultura americana; são, portanto, “centros de gravidade simbólicos ou emblemáticos”, cuja vulnerabilidade ao ataque muçulmano demonstrava a intenção política da *Al Qaeda* e sua capacidade operacional.

Alguns autores têm reagido de maneira dissonante perante esta realidade, atacando o pensamento militar norte-americano, com o argumento de que este tem dado importância excessiva a Clausewitz, sendo o momento de buscar outra abordagem, tendo em vista que seus ensinamentos estariam ultrapassados¹⁶. Clausewitz está mais vigente que nunca. Seu mérito principal é que ele escreveu uma obra onde seu propósito não era o de prescrever receitas para vencer uma guerra em particular; seu enfoque consistiu em entregar ferramentas analíticas que permitissem a compreensão de cada conflito em particular, abordando de modo abrangente o amplo espectro do conflito.

CENTRO DE GRAVIDADE DAS ALIANÇAS

A reunião de Chefes de Estado dos EUA, Reino Unido e Espanha nas Ilhas Açores, em fevereiro de 2003, onde se decidiu o ultimato ao Iraque, ratificou a decisão da coalizão que lideraria a guerra contra aquela nação. A participação espanhola foi decisiva para a formação de uma coalizão que, além de legítima, fosse representativa, devido à negativa da França, da Alemanha e de outros países europeus em participar dela. Este fato não passou despercebido pelo inimigo.

Depois da guerra do Golfo de 2003, esperava-se uma resposta da rede, que há algum tempo não atuava. Porém, como era de se esperar, seu acordar foi imprevisto e causou comoção. “Uma passagem rápida e vigorosa à ofensiva – a fulgurante espada da vingança – é o momento mais brilhante da defensiva; aquele que [...] não o inclui, desde o princípio, no seu conceito de defesa nunca compreenderá a superioridade da defensiva” (7:443). Bin Laden compreendeu perfeitamente que a guerra ia ser longa, de desgaste lento, porém seguro, da moral do inimigo. Além disso, estava ciente de ser o possuidor, tanto da iniciativa para atacar quando e como ele imaginasse, quanto de sua quase invulnerabilidade devido à natureza incorpórea de sua organização. Esta característica de atacar e desaparecer é típica da guerra irregular. Assim sendo, fica mais difícil sustentar que ele está de acordo com o argumento clausewitziano da superioridade da defesa sobre o ataque.

“O centro de gravidade [...] de uma coalizão fica na unidade dos interesses [...] e é contra este ponto que o golpe deve ser dirigido [...] um golpe efetivo contra o aliado principal, se ele próprio é mais poderoso que o inimigo” (7:726). “A seguinte melhor estratégia é dissolver suas

¹⁶ “E tempo de revisar essa fascinação de longa data com Carl Von Clausewitz. O novo rosto da guerra tem pouca relação com Clausewitz, porém, muitos paralelos com Sun Tzu.” (28)

alianças”(23:78). A escolha da data, três dias antes das eleições para um novo governo espanhol, não poderia ser calculada melhor. Os atentados terroristas de Madri, em 11 de março de 2004, visavam a atingir o centro de gravidade político-estratégico da coalizão, desferindo o golpe contra o aliado mais despreocupado. Em consequência, o governo espanhol não foi reeleito, e sim, a oposição. Muitos têm interpretado tal fato como a primeira derrubada do governo europeu pela rede *Al Qaeda*. A novidade diante dos ensinamentos de Clausewitz fica no ataque ao mais fraco e não ao mais poderoso; no entanto, era o mais fraco verdadeiramente? “A questão é a de saber [...] se um dos Estados fornece os interesses e as forças sobre os quais os outros podem se apoiar” (6). Qual é a força que possuía a Espanha sobre a qual os outros se apoiavam? A mencionada legitimidade e **representatividade** da coalizão. “Quanto mais nos encontramos no último caso [...], tanto mais facilmente se pode simplificar o empreendimento principal num único golpe formidável[!]” (6).

Exatamente como desejava Bin Laden, o novo governo espanhol quebrou a aliança, determinando a retirada das tropas espanholas do Iraque. O exemplo espanhol acabou por influenciar outros pequenos aliados que, perante a ameaça de morte dos seus nacionais, seqüestrados pelos milicianos da rede, resolveram sair do Iraque, como aconteceu com a República Dominicana, Honduras, Nicarágua e Filipinas, enfraquecendo a representatividade da coalizão e contrariando os EUA.

AS FORÇAS ARMADAS PERANTE A GUERRA ASSIMÉTRICA

A dinâmica das relações internacionais, as evoluções tecnológicas, as “novas ameaças” e a assimetria de poder militar fizeram ressaltar a fragilidade do atual sistema de segurança internacional, suscitando questionamentos quanto à sua credibilidade. Este quadro de instabilidade, tão acentuado neste início de século, leva a uma única certeza: a de uma *crescente incerteza*. (8)

Com estas palavras iniciou-se o Seminário na Escola de Guerra Naval (EGN), sobre “A Missão das Forças Armadas no Século XXI”. É importante salientar a colocação da incerteza da real capacidade das Forças Armadas de lidar na atualidade com as “novas ameaças”, onde a “assimetria do poder militar” obriga a repensar, ou pelo menos tentar adaptar as suas capacidades, para continuar cumprindo com seus preceitos constitucionais, na clássica concepção weberiana de executores do monopólio legítimo da violência do estado.

Durante a primeira reunião de Ministros de Defesa dos países americanos, em 1995, quando tomaram corpo “Os princípios de Williamsburg”, foram definidas as novas ameaças à soberania dos estados, incluindo a pirataria, tráfico de drogas e crimes ambientais, incrementando-se, logo depois, o terrorismo. Os intentos dos EUA de influenciar na orientação da missão das Forças Armadas dos países do continente sul-americano têm sido ostensivos desde então. A visão do Comando Sul dos EUA, em 2002, e já sob a pressão do atentado terrorista de setembro de 2001, como ameaça global, era:

Nossa visão é a de uma comunidade de forças militares e de seguridade comprometidas com os valores e princípios democráticos: demonstrar respeito pelos direitos humanos; ser capazes de proteger o solo pátrio e as fronteiras nacionais; garantir coletivamente a seguridade regional e hemisférica, e dissuadir, neutralizar e rejeitar as ameaças transnacionais contra a estabilidade da região. (10)

A interdependência em segurança devido ao seu caráter transnacional pode motivar os Estados a assumirem compromissos de cooperação regionais. No entanto, a percepção diferente de risco não tem permitido que todos os países aceitem unanimemente a obrigação de possuir capacidades para enfrentar inimigos simétricos e assimétricos.

Já Mao Tse-Tung acreditava que a guerra de guerrilhas por si só não garantiria a vitória, e que precisava a coordenação com as forças regulares; mesmo que seu apoio fosse importante na fase inicial, era preciso o posterior emprego decisivo das forças regulares: “Não há na guerra de guerrilha batalhas decisivas” (2:230). De fato, foi uma força combinada do Vietnã do Norte que derrubou o governo do Vietnã do Sul, e não o Vietcong. Por outro lado, perante a realidade atual, este conceito da integração é igualmente assinalado por Metz e Johnson: “A aproximação de uma estratégia assimétrica integrada com outras técnicas simétricas é muito mais poderosa que se basear somente, já seja em métodos simétricos ou em assimétricos” (16:8). As Forças Armadas deveriam possuir esta capacidade de integração como opção para confrontar um ator estatal superior, ou para garantir a flexibilidade de resposta perante a cambiante dinâmica das relações internacionais. Seria preciso incentivar a contínua avaliação dos meios, das doutrinas e táticas que garantam a agilidade de resposta e de adaptação, para cumprir adequadamente sua missão.

Para finalizar o estudo da assimetria, apresenta-se este exemplo trágico: quando o general Carl Von Clausewitz, quem tanto havia teorizado sobre a guerra e seu estudo, dirigia-se a Breslau, em novembro de 1831, não imaginava a fereza do adversário contra quem teria que combater. Designado como comandante de uma formação maior de artilharia, porém, liderando posteriormente a formação de um cordão sanitário, enfrentar-se-ia um inimigo de características pouco conhecidas, mas assimétricas: em menos de um dia de luta, o cólera enviava Clausewitz à eternidade.

CONCLUSÃO

A assimetria, entendida como desbalanceamento, resulta de um ator empregando novas capacidades que o oponente não percebe nem compreende, capacidades convencionais que sobrepujam as do adversário ou que representam novos métodos de ataque e defesa, no intuito de explorar as fraquezas contrárias, impedindo, simultaneamente, que o inimigo possa empregar seus fatores de força.

Uma entidade não-estatal, como a rede *Al Qaeda*, ou estatal pode desafiar e desferir golpes de contundência estratégica a um oponente mais forte, atingindo os centros de poder político, econômico, militar, ou uma combinação deles, mediante a aplicação de estratégias, técnicas ou meios assimétricos.

Não é possível argumentar que Osama Bin Laden tenha utilizado os conceitos dos pensadores estratégicos clássicos na estruturação de sua estratégia. No entanto, ficou demonstrado que algumas de suas linhas de ação têm sustento ou explicação nas bases conceituais do pensamento estratégico clássico, especialmente nas de Sun Tzu e de Clausewitz. Isto é, voluntária ou involuntariamente, a estratégia árabe pode ser explicada pela integração da psicologia oriental com a mecânica ocidental.

Com sua campanha focada nos centros de gravidade simbólicos dos EUA e do ocidente, assim como fraturando coalizões e alianças internacionais, a rede terrorista *Al Qaeda*, representante do islamismo guerreiro, escolheu como estratégia para derrotar os EUA uma aproximação indireta e assimétrica, sem o confronto tradicional contra suas forças armadas. Esta forma de agir evitou o sobrepujante poderio militar, graças a sua natureza incorpórea de estado-rede, não ficando sujeita à retaliação tradicional da força militar de uma nação, mesmo que esta seja o maior império da Terra, desde os tempos de Roma.

Esta estratégia pretende eliminar a necessidade de vencer batalhas contra exércitos, magnificando a aplicação da pressão psicológica, moral e física contra a população, no intuito de causar danos às bases de poder do mundo cristão-ocidental, e de conseguir, em última instância, a sua capitulação moral perante a islamização do mundo, regaço que alimenta os embriões da ira muçulmana.

Para quem não vê a influência de Clausewitz na campanha islâmica, é preciso lembrar que o general prussiano desenvolveu uma teoria da guerra para possibilitar a compreensão do fenômeno, com base em fatores morais e sustentada na sua trindade fascinante, variáveis que se encontram presentes em todas as guerras, permitindo, portanto, conceber cada conflito em particular por muito díspar e diferente que pareça. A análise de qualquer guerra não pode “renunciar” ao estudo da trindade fascinante, estrutura

fundamental na qual se vê refletida a máxima norteadora do conflito: a vontade do povo. É inegável que pelo menos o conceito de centro de gravidade está plenamente entendido e amplamente bem utilizado.

É preciso que nossas Forças Armadas, seus meios, suas doutrinas e táticas continuem desenvolvendo a agilidade e poder de adaptação para enfrentar adequadamente o “camaleão clausewitziano”, dado o acelerado dinamismo da evolução das ameaças, sendo capazes de enfrentar o inimigo tradicional na defesa das fronteiras e aquele representado pelas novas ameaças, isto é, capazes de travar guerras, tanto simétricas como assimétricas.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Estado-Maior da Armada. **EMA-305: Doutrina Básica da Marinha**. Brasília. 2004.
2. CHILE. Academia de Guerra Naval. **Conceptos estratégicos**. Valparaíso. 1997.
3. CLAUSEWITZ, Carl von. **De la Guerra**. Traduzido ao espanhol de Vom Kriege, por Pierre Naville. [1962].
4. _____. **Vom Kriege, Ersters Buch: über die natur des krieges**. *Clausewitz Homepage*. Ursprünglich veröffentlicht vom Dümmlers Verlag, Berlin, 1832. Disponível em: <http://www.clausewitz.com/CWZHOME/VomKriege/Book1.htm>. Acesso em 18 de abril de 2004.
5. _____. **Vom Kriege, Zweites Buch: über die theorie des krieges**. *Clausewitz Homepage*. Ursprünglich veröffentlicht vom Dümmlers Verlag, Berlin, 1832. Disponível em <http://www.clausewitz.com/CWZHOME/VomKriege/Book2.htm>. Acesso em: 18 de abril de 2004.
6. _____. **Vom Kriege, Achtes Buch: Kriegsplan**. *Clausewitz Homepage*. Ursprünglich veröffentlicht vom Dümmlers Verlag, Berlin, 1832. Disponível em <http://www.clausewitz.com/CWZHOME/VomKriege/Book8.htm>. Acesso em: 18 de abril de 2004.
7. _____. **Da guerra**. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 1979.
8. DA SILVEIRA, Rayder Alencar. Texto de abertura no Seminário na Escola de Guerra Naval sobre “**A Missão das Forças Armadas para o Século XXI**”, no 30 de julho de 2004.
9. DEL VALLE, Alexandre. **Guerras contra a Europa**. s. l.: Bom Texto. 2003.
10. ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA. PLA Senior Colonels on Future Wars: “Unrestricted Warfare”: Part II. A November 1999 report from U.S. Embassy Beijing. **Federation of American Scientist FAS**. Disponível em: <http://www.fas.org/nuke/guide/china/doctrine/unresw2.htm> Acesso em: 28 de maio de 2004.
11. FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

12. HADDOCK, Ellen K. **On words:** Clausewitz, Bin Laden, and public support. s.l.: National Defense University; National War College. 2003
13. HARTUNG SABUGO, Kurt. Guerra contra el Terrorismo. Objetivos Políticos. **Revista de Marina. Armada de Chile.** nº 874, mayo / jun. 2003, p.263-270.
14. LESSA, Carlos; COSTA, Darc; EARP, Fábio Sá. **Depois do atentado:** notícias da guerra assimétrica, a crise internacional e o Brasil. Garamond, 2002.
15. MEIGS, Montgomery C. Idéias pouco Ortodoxas sobre a Guerra Assimétrica. **Military Review. Brazilian.** Fort Leavenworth. vol. 86, 1. quarter 2004, p. 2-14.
16. METZ, Steven; JOHNSON, Douglas V. **Assymetry and US Military Strategy:** Definition, Background and Strategic Concepts. Carlisle, Pensilvânia: Instituto de Estudos Estratégicos, Escola Superior de Guerra dos EUA, 2001.
17. MORALES ORTIZ, Luis. La ONU después de la Invasión de Irak. **Revista de Marina. Armada de Chile.** nº 874, mayo / jun. 2003, p.263-270.
18. OCAMPO, Alberto Bolívar. La Era de los Conflictos Asimétricos. **Military Review.** Fort Leavenworth. Ene. / Feb. 2002, p. 46-53.
19. PROENÇA JR., Domicio; DINIZ, Eugénio; RAZA, Salvador Ghelfi. **Guia de estudos de estratégia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.
20. REYNOLDS, Mendes, Major-General. Guerra Assimétrica-Riscos Assimétricos. **Military Review. Brazilian.** Fort Leavenworth. V. 84, 2º Quarter 2003, p. 46-54.
21. SHAUGHNESSY, David; COWAN, Thomas M. Ataque à América: A Primeira Guerra do Século XXI. **Military Review. Brazilian.** Fort Leavenworth. V. 79, 1º Quarter 2002, p. 72-84.
22. SKELTON, Ike. As Guerras da Fronteira Americana: lições para conflitos assimétricos. **Military Review. Brazilian.** Fort Leavenworth. V. 82, 4º Quarter 2002, n. 4, p. 72-79.
23. SUN Tzu. **The art of war.** Local: Oxford University Press, 1971.

24. THORLEIFSON, Dane. **Usama Bin Laden and Al Qaeda's operational design**. NAVALWAR COLLEGE. JOINT MILITARY OPERATIONS DEPT. NEWPORT RI May 2003. Disponível em: <http://www.stormingmedia.us/82/8250/A825024.html>. Acesso em: 24 de julho de 2004.
25. VESENTINI, José William. **Novas geopolíticas: as representações do século XXI**. São Paulo: Contexto, 2003.
26. VIDIGAL, Armando Amorim. **A Missão das Forças Armadas no Século XXI**. Palestra proferida no seminário na Escola de Guerra Naval sobre "A Missão das Forças Armadas para o Século XXI", no 30 de julho de 2004.
27. VILLA, Rafael Duarte. **Estados Unidos: a difícil escolha**. *Revista de Sociologia e Política*. [online]. jun. 2002, no.18 [citado 14 Agosto 2004], p.157-163. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782002000100011&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 8 de agosto de 2004.
28. WILCOX, Greg. Asymmetric Warfare: Understanding the Enemy **.Army Magazine. Book Reviews**. December 2001. Disponível em: [http://www.ausa.org/www/armymag.nsf/\(reviews\)/200112?OpenDocument](http://www.ausa.org/www/armymag.nsf/(reviews)/200112?OpenDocument) . Acesso em: 20 de junho de 2004.

ANEXO “A”

ALGUMAS DEFINIÇÕES DE GUERRA ASSIMÉTRICA OU CONFLITO ASSIMÉTRICO

DOCTRINA BÁSICA DA MARINHA DO BRASIL (2004)

A guerra assimétrica é empregada, genericamente, por aquele que se encontra muito inferiorizado em meios de combate, em relação aos de seu oponente. A assimetria se refere ao desbalanceamento extremo de forças. Para o mais forte, a guerra assimétrica é traduzida como forma ilegítima de violência, especialmente quando voltada a danos civis. Para o mais fraco, é uma forma de combate. Os atos terroristas, os ataques aos sistemas informatizados e a sabotagem são algumas formas de guerra assimétrica.

JOINT STRATEGY REVIEW (WASHINGTON, DC: CJCS, 1999)

Abordagens assimétricas são tentativas de iludir ou minar forças dos EUA, enquanto exploram suas fraquezas, usando métodos que diferem muito do método operacional estadunidense... geralmente buscam um impacto psicológico maior, tal como o choque ou a confusão, que afete a iniciativa, a liberdade de ação ou a força de vontade do oponente. Métodos assimétricos exigem uma apreciação das vulnerabilidades do oponente. Abordagens assimétricas muitas vezes empregam táticas novas ou não tradicionais, assim como armas ou tecnologias, e podem ser aplicadas a todos os níveis de guerra — estratégico, operacional e tático — e por todo o espectro das operações militares.

HERMAN, JR. PAUL F.

É um conjunto de práticas operacionais que têm por objeto negar as vantagens e explorar as vulnerabilidades (da parte mais forte), antes que procurar confrontos diretos. Os conceitos e movimentos assimétricos procuram usar o meio ambiente físico e as capacidades militares em formas que são atípicas e provavelmente não antecipadas por estruturas militares bem estabelecidas, tomando-as, portanto, desbalanceadas e não preparadas.

MCKENZIE JR., KENNETH F.

São aproximações não convencionais que evitam ou minam as fortalezas do oponente, enquanto exploram suas vulnerabilidades, mas com dois objetivos sempre em mente: Obter um efeito desproporcionado, e Afetar a vontade de luta do mais forte.

Podem conseguir um poderoso efeito através da manipulação do elemento psicológico. Em termos funcionais, a mente do inimigo se converte no alvo.

METZ, STEVEN

Assimetria estratégica

Em assuntos militares e na segurança nacional, assimetria significa agir, organizar e pensar de forma diferente do oponente para maximizar o poder relativo, explorar as suas fraquezas ou ganhar maior liberdade de ação. Pode ser político-estratégica, militar-estratégica, operacional ou uma combinação e pode impor o uso de métodos, tecnologias, valores, organizações ou perspectivas de tempo diferentes. Pode ser de curto ou longo prazos, intencional ou à revelia. Pode também ser distinta ou implementada em conjunto com abordagens simétricas e ter as dimensões psicológica e física.

METZ, STEVEN; JOHNSON, DOUGLAS V.

No âmbito dos assuntos militares e de segurança nacional, a assimetria implica atuar, organizar e pensar de maneira distinta dos adversários, de forma a maximizar nossas próprias vantagens, explorar as fraquezas do inimigo, obter a iniciativa ou alcançar uma maior liberdade de ação.